

Dossiê

Transitando entre diferentes esferas da vida: uma abordagem sobre a multifacetada caminhada de José Comblin I

Transiting between different spheres of life:
an approach to the multifaceted Father José Comblin I

Paulo César Pereira¹

Resumo

O padre José Comblin pode ser definido como uma pessoa em movimento. Dificilmente ficava parado. Estava sempre escrevendo, visitando, viajando, proferindo conferências e palestras e preparando encontros. Nesse movimento diário entrava em contato com diferentes pessoas e situações. Lidava com todos com bastante desenvoltura. Essa convivência de Comblin com tanta gente diferente, tendo que transitar em universidades, seminários, centros de formação missionária, assentamentos, movimentos populares diversos e igrejas de diferentes convicções religiosas, certamente o ensinou a ter uma diversidade de abordagens para que melhor pudesse ser compreendido por cada um desses segmentos. Ele escrevia livros e artigos que alcançavam grande repercussão na academia. Conseguia apresentar o seu pensamento com profundidade e rara clareza, provavelmente porque nunca se preocupou em utilizar uma linguagem fria ou desnecessariamente rebuscada, característica típica dos grandes teólogos. A leitura de seus livros, no geral, é bem compreendida tanto pela academia como pelos populares menos letrados. A respeito dessa facilidade de se relacionar e conviver com as pessoas comuns da sociedade, são inúmeros os depoimentos de pessoas que testemunham sobre isso. Apresentamos nesse artigo o relato, a partir de entrevistas, de muitos que tiveram experiências de aprendizado com ele e ressaltaram, cada um à sua maneira, o perfil ou a fisionomia política, religiosa e social que percebiam no Padre José Comblin.

Palavras-chave

Escola de formação missionária. Pobre. Missão. Libertação. Pastoral.

Abstract

Father José Comblin can be defined as a person in constant moving. Hardly he was stopped. He was always writing, traveling, uttering conferences and lectures and meetings. In his daily motion he came in contact with different people and situations. Dealt with all with enough resourcefulness. This coexistence of Comblin with so many different people, in different places as universities, seminaries, missionary training centers, settlements, popular movements and churches of different religious beliefs, certainly gave him a diversity of approaches and mutual understanding. He wrote books and papers with great repercussion in the Academy. He did show his thoughts with rare clarity and depth, probably because he never bothered to use a cold or unnecessarily flowery language, typical characteristic of the great theologians. All segments can understand what Comblin wrote. Inside this easy way to relate to and live with the ordinary people of society, there are countless testimonials of people who testify about him. In this paper we will present a report from interviews with some witnesses, many who had learning experiences with him and expressed, each in their own way, the profile or the political, religious and social physiognomy that they saw in Father José Comblin.

Keywords

Missionary training school. Poor. Mission. Liberation. Pastoral Care.

¹ Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Olindense de Ciências Contábeis e Administrativas (1990) e em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1998). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2011).

1 Considerações iniciais – “Novelo que se entrelaça?”

Para alguns a trajetória da vida é uma longa estrada em linha reta e o maior mérito se constitui em chegar ao seu final. Para outros a vida é um emaranhado, um caminho sinuoso, semelhante a um novelo que se entrelaça e somente com muita dificuldade se consegue ver o seu final. Neste caso, as fases se distanciam e se aproximam e por vezes se cruzam em diferentes momentos da caminhada. Penso que a história de Comblin é melhor descrita na segunda perspectiva.

A atuação desse teólogo belga brasileiro foi marcada por inúmeras iniciativas de atuação e diálogos com diferentes pessoas e instituições, tendo transitado com tranquilidade em muitos lugares com linhas e correntes de pensamentos diversos, sempre na perspectiva da construção conjunta de uma nova realidade.

Utilizando-se de sua ampla formação acadêmica, teve bom trânsito em universidades nacionais e estrangeiras. Nelas se inseriu e colaborou a partir do seu livre pensar, exposto sempre com fidalguia na convivência diária, com maestria nas aulas e com instigante profundidade nas constantes publicações de seus livros, bem como na disponibilização de artigos em diferentes e conceituadas revistas.

A exposição do seu pensamento sempre teve como fonte principal a história e foi a partir dela que construiu a sua base teológica, no entanto, nunca deixou de buscar colaborações e informações na filosofia, na sociologia e obviamente na teologia. Utilizando-se dos recursos dessas ciências, formulou uma linha de atuação onde os excluídos da sociedade ocuparam um lugar de destaque. Acreditava que somente com a

libertação destes a sociedade civil também se libertaria das amarras que prendem e escravizam os seres humanos.

Diante disso, se inseriu nas lutas populares, priorizou os excluídos do seu tempo, optando em morar e agir com eles. As principais transgressões da sua vida foram a partir da convivência com os pobres. Foi desse espaço que ele tomou iniciativas no campo da formação, pois passou a entender que o deslocamento do ensino acadêmico para o meio popular poderia levar muitos a um processo de libertação. Além disso, usando o prestígio que tinha como reconhecido e respeitado teólogo, defendeu as causas dos empobrecidos nas instâncias em que estes não tinham acesso e naturalmente não podiam fazer-se representar.

A convivência de Comblin com pessoas tão diferentes, tendo que transitar em universidades, seminários, centros de formação missionária, assentamentos, movimentos populares diversos e igrejas de diferentes convicções religiosas, certamente o ensinou a ter uma diversidade de abordagens para que melhor pudesse ser compreendido por cada um desses segmentos. Comblin escrevia livros e artigos que alcançavam grande repercussão na academia. Ele conseguia apresentar o seu pensamento com profundidade e rara clareza, talvez porque nunca tenha se preocupado em utilizar uma linguagem fria ou desnecessariamente rebuscada, característica típica dos grandes teólogos. A leitura de seus livros, no geral, é bem compreendida tanto pela academia como pelos populares menos letrados.

A respeito dessa facilidade de se relacionar e conviver com as pessoas comuns da sociedade, são inúmeros os relatos de pessoas que testemunham sobre isso. Muitos compartilham experiências de aprendizado e ressaltam, cada um à sua maneira, o perfil que percebiam no Padre Comblin.

Maria Prefeita, carinhosamente chamada de Maria Barulho, de 72 anos e moradora de Itaberaba, cidade da Chapada Diamantina, diz: “Aquilo que eu sabia, passei a não saber mais nada. Ele era simples, cauteloso, enérgico. Viveu com os pobres e para os pobres e a sua memória será o nosso combustível.” Percebe-se nas palavras dela a sua própria aceitação como pobre, não no sentido pejorativo ou depreciativo, mas como alguém que se acha consciente e no caminho certo de alcançar o processo de libertação. O combustível está presente e a disposição para a caminhada também.

Para Comblin, a salvação do pobre depende dele ter coragem para lutar e também força para conseguir libertar a si mesmo. Entende que é preciso lançar o olhar ao mesmo tempo para dentro de si e para o próximo. Nesse sentido é o relato de dona Maria José de Souza, 54 anos, moradora do estado de Sergipe, quando afirma: “Muita gente não viu Deus porque só espiou para cima e não espiou para baixo. Comblin sempre nos dizia: vocês não estão sendo missionários para ir para a igreja, para o altar, mas para ir para as pontas das ruas, para as periferias. Nós só não faz se não quer, mas que aprendemos, aprendemos (sic)”.

O padre Comblin trabalhava na perspectiva de uma missão que se encaixava dentro do conceito amplo de igreja e esta, para alcançar a sua finalidade deveria ser vivida fora ou para além das paredes dos templos. Para ele a missão é atrelada à vida, especialmente daqueles que são ou estão esquecidos pela sociedade. O relato de Dona Maria José mostra-nos também um olhar diferente sobre a compreensão de Deus. Só podemos ver Deus se olhamos para o próximo, pois Ele se manifesta no rosto e na presença do irmão.

Desta maneira, podemos perceber que a teologia dele é humanizada e humanizadora, pois é apresentada no sentido de que a mesma deve ser vivida também nas relações horizontais e não apenas na vertical. Essa espiritualidade vivida numa relação verticalizada é facilmente percebida nas práticas de alguns grupos pentecostais e neo pentecostais e é costumeiramente manifestada publicamente em gestos e orações oferecidas a um Deus que está no alto, quase sempre distante e assentado em um sublime trono, este localizado em lugar incerto e não sabido.

Ao afirmar que a missão está atrelada à vida, Comblin desafia as pessoas a viverem as suas realidades, pois, somente desta maneira, entende que poderão tornar-se atores importantes nos processos que dizem respeito ao seu cotidiano. A pauta será a demanda da comunidade e não apenas o que um ou outro indivíduo considera como prioridade. Desta maneira, a luta deixa de ser pessoal e passa a ser coletiva e o que afeta um pode afetar a todos. Os direitos e os deveres são para todos.

Nesse mesmo sentido pensava a líder camponesa paraibana Margarida Maria Alves, que foi brutalmente assassinada em Alagoa Grande, sua cidade natal, em 12 de agosto de 1983. Dizia ela que preferia morrer lutando pelo direito de um irmão a morrer esfoameada por um pedaço de pão.

Nessa perspectiva hermenêutica, o evangelho é para a vida e fora dela não há necessidade do evangelho. O homem então é a razão de ser do evangelho, e é para ele que este existe. Esse entendimento está alinhado com a definição de Reino apresentada por Jesus quando afirmou que “O Reino de Deus está em vós.” Desta maneira, abre-se então a oportunidade de se viver os valores desse Reino ainda aqui na terra.

Relato de dona Maria José de Souza [...]: “muita gente não viu Deus porque só espiou para cima e não espiou para baixo. Comblin sempre nos dizia: vocês não estão sendo missionários para ir para a igreja, para o altar, mas, para ir para as pontas das ruas, para as periferias” (sic).

O olhar de Comblin é multidirecional, vislumbra sinais até então encobertos para muitos, percorre diferentes caminhos, passa

por uma infinidade de alternativas e pessoas e contempla os mais variados estilos de vida.

Apresentaremos alguns testemunhos e observações feitas por amigos e

amigas, todos companheiros e companheiras da caminhada dele. Estes testemunhos foram registradas em entrevistas colhidas no mês de março de 2013, durante a Primeira Romaria Pe. José Comblin, realizada no Santuário Pe. Ibiapina, em Santa Fé, Solânea, PB, por ocasião das comemorações dos 90 anos de seu nascimento.

2 Testemunhos – entrevistas

Andrea

■ **Andrea** – Meu nome é Andrea Cerqueira dos Santos, sou de Baixa Grande, na Bahia. Moro na zona rural, a uns oito quilômetros da cidade.



Fui convidada por uma das formadoras da Diocese para a Escola Missionária, em 2004.


Nesse ano conheci o Padre José Comblin, que a gente chamava de vô, um apelido carinhoso. Para mim foi um momento de


graça conhecê-lo, conhecer a Escola, a metodologia. Os assessores são pessoas que vivem o que passam para a gente. Padre Comblin tinha a preocupação de, a cada vez que a gente saía de sala, perguntar como foi, avaliar, tinha a preocupação de escutar a gente. Tinha um carinho, era próximo, não era de muito discurso, mas observava. O silêncio, a simplicidade dele era o que mais nos ajudava a ser pessoas simples. Ele falava que tínhamos de ser missionários não só

dentro da igreja, de quatro paredes, mas na vida toda, como pessoas, que o que aprendêssemos aqui teríamos de vivenciar como pessoas. Ele reservava para cada um, para cada uma, um tempo de conversa para saber de toda a vida: pessoal, profissional, a atuação como missionário, missionária. Mas nunca dava a solução para algo que ele achava não estar indo bem, ele sempre ajudava a gente a discernir qual seria o melhor caminho, a melhor atitude a tomar. Era um pai, um orientador espiritual. Uma vez fui convidada a ser secretária paroquial e aceitei sem perguntar. Quando comentei com ele, disse que seria melhor uma atividade em contato com o povo, pois a secretaria paroquial não me ajudaria muito como missionária; que eu procurasse um trabalho que me ajudasse a formar pessoas, a evangelizar. Na vida pessoal, ele dizia: se você fosse minha filha, eu diria que o caminho não seria por aí. Era um conselheiro muito bom.


Em 2009, ele me convidou para ajudar nas escolas de formação, para trabalhar a disciplina Realidade Social. Foi uma experiência muito boa, em Mogeiro, em 2010. Depois ajudei também em Barra e Juazeiro. Ele ajudava a gente a se aprofundar na missão. Os escritos dele ajudam muito: ele mostra um Jesus humano, não aquele Jesus divino, intocável, mas Jesus próximo das pessoas, dos pobres. Ele sempre incentivava a gente a ir até os pobres, na periferia, lá onde a


paróquia não vai, a estar mais livre da estrutura paroquial e disponível para as pessoas mais necessitadas.


 **Paulo César** – Havia alguma característica de Comblin que chamava mais a atenção?

 **Andrea** – Ele não era apegado à religião, mas sim à pessoa de Jesus, ao ensinamento de Jesus, e falava muito do diálogo entre as religiões, do compromisso de pessoas de outras religiões que passavam boas propostas e ensinamentos que também a gente poderia aproveitar. Insistia que o importante era o seguimento de Jesus, não a religião.

Ele também orientava a gente a não bater de frente contra as estruturas, principalmente quando pesadas, mas que a gente agisse no meio de todos, como fermento na massa.

 **PC** – Como teria sido sua vida sem ter passado pela presença de Comblin?

 **Andrea** – Teria sido uma vida bem monótona, individualista, egoísta, prepotente, porque hoje a sociedade convida cada um a cuidar de si mesmo sem preocupar-se com os outros. A presença dele é muito forte na minha vida, deixou marcas.

 **PC** – O que você está achando desta Primeira Romaria das Escolas Missionárias, comemorando os 90 anos de Comblin?

■ **Andrea** – A gente reacende a esperança, juntamente com outras pessoas que também beberam dessa fonte e acreditam nessa proposta do seguimento de Jesus. É uma rica possibilidade de encontro. Há muitos desafios na sociedade, mas com esses ensinamentos, com a fé em Jesus, com a oração bíblica, a gente reforça a esperança.

■ **PC** – Daqui para a frente você se imagina fazendo o quê?

Ele [Comblin] não era apegado à religião, mas sim à pessoa de Jesus, ao ensinamento de Jesus, e falava muito do diálogo entre as religiões, do compromisso de pessoas de outras religiões que passavam boas propostas e ensinamentos...

■ **Andrea** – Eu me imagino atuando, investindo na caminhada, como missionária, mais onde eu estou, no trabalho, na família... E cada vez mais interagindo com pessoas que também comungam essa proposta, independente de religião. Cada vez mais quero aprofundar nesse sentido, porque por mais que a gente conheça, estude, sempre a gente tem de se libertar por dentro". ■

■ Índio Adriano



■ **Índio Adriano** – Meu nome de batismo é Adriano da Silva Ramos, tenho 31 anos, sou natural da Aldeia Caeiro, do Município de Marcação, na Paraíba, litoral norte.

Meu primeiro contato com o Comblin foi através do livro “A força da Palavra”, no ano de 2007, quando fui convidado a fazer um curso de animadores populares na cidade de Serra Redonda, onde se estabeleceu por muito tempo o seminário rural, que era para formar padres do próprio campo para o campo. Quando cheguei lá, já não era mais seminário, mas espaço para formação de animadores para comunidades, a partir de um convívio, numa experiência concreta com os próprios trabalhadores rurais. Não

tive contato direto com Comblin, mas através de comentários fui sabendo que morou lá por um tempo e era um escritor de renome. Li “A força da Palavra”. No livro ele dizia que tudo é desenvolvido através da crítica. Isso me impressionou. Quando tive a oportunidade de um contato com ele, perguntei o que seria a crítica. Ele disse que era a crítica à maneira de Jesus, que sempre produz uma transformação.

Em 2007, a convite do Padre Jorge, fui estudar na Escola de Formação Missionária, de Mogeiro, também fundada por Comblin. De início resisti, tentando adiar para o próximo ano, mas o próprio Padre Jorge me convenceu a fazer uma visita. Chegando lá o curso já havia começado, há cinco dias. Essa realidade concreta, essa fé encarnada, a mística, sempre voltada para uma ação concreta, me chamaram a atenção. Aí começou o

diálogo com Padre José. Também participei com ele de maneira concreta, integral, uma vez que foi ministrar uma assessoria, lá mesmo, sobre o aconselhamento para os idosos. Ele expressava bem claramente: faz tempo que na Igreja os adultos são tratados como crianças, que não têm força nem iniciativa. Ele falava que tudo começa pelo contato. De início as pessoas podem resistir, mas falando, falando acaba produzindo um certo convencimento. Esse foi o meu primeiro contato com o Padre José, que não me esqueço mais, e que carrego como alimentação para a minha prática. Hoje, livros e artigos que ele escreveu também me alimentam no sentido da prática, da missão. Trabalho na comunidade, organizo algumas missões, na linha das missões populares, ligadas também a algumas paróquias. O sentido mais forte é formar as pessoas e produzir nelas uma consciência no meio em que elas se encontram. Observando a prática de Padre José, a gente percebe que ele nunca começou alguma coisa solta, sempre estava ligado a um bispo. Dom Leonidas Proaño, na América Latina. No Brasil estive ao lado de figuras importantes, como Dom

Li “A força da Palavra”. No livro ele [Comblin] dizia que tudo é desenvolvido através da crítica. Isso me impressionou. Quando tive a oportunidade de um contato com ele, perguntei o que seria a crítica. Ele disse que era a crítica à maneira de Jesus, que sempre produz uma transformação.

Fragoso, Dom Hélder, que trabalhou muito tempo com ele no Recife, outros bispos. Já no fim da sua vida vai à diocese de Barra, onde Dom Luís Cappio o acolhe.

Como ele mesmo falava, já não se interessava em formar clérigos, padres, queria uma formação voltada para os leigos, para o povo. Queria pessoas que dessem continuidade àquilo que ele levanta como sinal, como fermento, como maneira concreta. Ele contribuiu muito com a formação na América Latina por essa maneira mais ligada aos pobres, às classes menos privilegiadas da sociedade.

Foi esse o contato que tive com ele. Não fui como João Batista, que teve um grande contato com ele, vivendo no seminário rural, nem como pessoas que tiveram uma convivência maior com ele no ITER (Instituto Teológico do Recife), no Recife. Tive poucas ocasiões de conversar diretamente com ele, mas sempre que podia buscava conversar com ele sobre a missão, e ele dizia: vamos caminhando – como Dom Hélder também sempre repetia. Ele era muito de apontar para a prática, mais na linha do ver e do julgar, para aprofundar e depois ter uma ação. ■

Nilza

■ **Nilza** – Eu sou Nilza, de Alagoa Grande, a terra de Margarida Maria Alves, uma mulher com uma história muito bonita.

Tenho 47 anos e moro no assentamento, na terra em que ela lutou contra o fazendeiro pelos direitos dos trabalhadores. Para mim



é um pedaço de terra muito especial, porque tem a força de Margarida e a força do Padre José. Juntando, é um pedacinho do sonho de Padre José, do sonho de Margarida e do meu sonho. Eu sonhava com um pedacinho de terra para plantar. Pra mim, a terra é tudo! E Padre José dizia que o sonho dele era ver as missionárias morando num assentamento.

PC – Como você conheceu Padre José e como isso a ajudou?

■ **Nilza** – Conheci Padre José na Escola de Formação Missionária de Mogeiro. Irmã Mônica nos convidou.

Padre José, para mim, é muito significativo. Foi por ele que descobri o verdadeiro evangelho. Ele levou a gente para um assentamento e um acampamento, e foi aí, no assentamento, que descobri e entendi o evangelho. Foi muito importante ele ter me mostrado o verdadeiro caminho de Jesus.

Conheci Padre José há vinte e poucos anos. Ele era uma pessoa muito simples. Na primeira vez que fui a Mogeiro, quando cheguei, ele estava lá limpando o mato com a enxada. Foi muito marcante. Como tenho muito carinho pela terra, isso foi muito importante.

PC – O que ele ensinava a vocês?

■ **Nilza** – O que aprendi dele, foi a escutar. Isso era muito forte nele. Agradeço pela experiência que tive na Escola. E a minha missão, no assentamento, é viver no meio

do povo, como o povo. Ser resistente. Valorizar essa luta, que não para.

PC – Se Padre José não tivesse atravessado pela sua frente, como você acha que estaria a sua vida?

■ **Nilza** – Não sei. Porque com isso que aconteceu na minha vida, eu renasci, de novo! Sem isso, talvez eu não soubesse valorizar a importância da vida.

PC – Qual a lembrança que você tem dele?

■ **Nilza** – Ele era uma pessoa muito simples, não falava muito, mas ensinava muito. E depois que ele morreu, ele passou uma força tão grande pra mim! Sinto essa força dentro de mim.

PC – Você conhece outras pessoas que também foram ajudadas por Comblin, que também beberam dessa fonte, lá onde você vive?

■ **Nilza** – Lá tem Nem, tem Neves, que também fez parte dessa Escola, e tem Graça, que entrou agora há pouco, e por isso viveu pouco tempo com ele. Mas quem viveu mais fomos Nem e eu, viajamos com ele também.

Padre José, para mim, é muito significativo. Foi por ele que descobri o verdadeiro evangelho... O que aprendi dele, foi a escutar. Isso era muito forte nele... Ele era uma pessoa muito simples, não falava muito, mas ensinava muito. E depois que ele morreu, ele passou uma força tão grande pra mim! Sinto essa força dentro de mim.

PC – Você está feliz, realizada?

■ **Nilza** – Muito feliz, realizada. Lá é um pedacinho do sonho de Padre José, também. Quem quiser conhecer esse

pedacinho do sonho dele, é em Alagoa Grande. Lá eu planto milho, feijão... Vivo disso. Faço pé de moleque, vendo, para fazer a feira... ■

Raimundo Nonato de Queiroz



■ **Nonato** – Tenho 67 anos, sou pernambucano, do Limoeiro, de uma família de tradição católica. Um dos desejos das famílias católicas era de ter um padre na família. Três irmãos entramos

no seminário de Recife e no seminário de Olinda. Mas nenhum dos três chegou a ser padre. Eu terminei a formação teológica, uns três, quatro anos de teologia, no método da teologia da enxada. Dom Augusto, que era o bispo de Caruaru, queria me ordenar padre. Mas com o trabalho de comunidade de base, a organização de lideranças na diocese de Caruaru, acho que se tivesse me ordenado teria tirado o meu tempo apropriado para o serviço educativo das lideranças populares. Em 1969 formamos equipes na teologia que trabalhavam no campo e também com a organização popular, nos sindicatos, nas associações, para a formação humana dessas lideranças. Passei dez, doze anos no interior de Pernambuco, fazendo esse trabalho.

Em 1970, 1971 Padre Comblin foi expulso do Brasil pela ditadura militar. Mas eu já o conhecia, do seminário de Recife, sobretudo pelo gênio, pela

inteligência pela capacidade de síntese, pela clareza das questões humanas. Ele ajudou muito não só a mim mas à grande maioria dos seminaristas daquela época. Depois tivemos a ideia, com o Padre Comblin, de fundar o seminário rural, em 1981. E até hoje eu fiquei no seminário rural. No ano passado, 2012, encerramos as atividades específicas do seminário rural, lá em Serra Redonda. Mas ainda estou por lá. Meu projeto, para o próximo ano, é trabalhar em outro lugar. Ainda não sei onde. Deus sabe.

PC – O que era a teologia da enxada?

■ **Nonato** – A enxada é um símbolo da cultura camponesa. Hoje se fala agricultor, naquele tempo se falava camponês. Isso por razões ideológicas. A gente se engajou num estudo de teologia que tinha como interlocutor o camponês, os agricultores. Por isso, teologia da enxada. Era a partir do diálogo com o homem do campo que a gente montava a teologia, iluminada pela Sagrada Escritura.

PC – Quais as maiores dificuldades que vocês encontraram?

■ **Nonato** – A primeira grande dificuldade era a perseguição da polícia federal em

cima de nossas equipes. Várias vezes recebemos a visita de militares sem farda, que vinham para fustigar e ameaçar a nossa ação, sobretudo nas comunidades. Eles tinham verdadeiro horror da organização popular, que era tida como subversão.

PC – Quantos começaram com a teologia da enxada?

Nonato – Éramos duas equipes, cada uma com cinco membros, uma em Tacaimbó, Pernambuco, e a outra na Paraíba, em Salgado de São Félix. Minha equipe atuou por dez, doze anos em Tacaimbó.

PC – Qual o papel de Comblin?

Nonato – Quando terminamos a filosofia, em 1967, propusemos a Comblin que elaborasse uma nova maneira de refletir a Sagrada Escritura e fazer teologia. Em uma semana estavam prontos todos os esquemas e roteiros da teologia que depois foi chamada de teologia da enxada.

PC – Quem colocou o nome?

Nonato – Quem colocou esse nome dava um certo significado depreciativo, teologia da enxada, coisa de gente atrasada (risos). Mas outros tinham ideologicamente outra compreensão, valorizavam nosso estudo de teologia.

PC – Durou quantos anos?

Nonato – Enquanto estudo, durou quatro, cinco anos.

PC – Tinha a ver com Paulo Freire?

Nonato – Antes de ir para o interior eu estudava no Seminário da Várzea, em

Recife. Lá, em 1962, 1963, conhecemos Paulo Freire, com a alfabetização popular. Ele pediu ao reitor do Seminário da Várzea, jovens que quisessem alfabetizar. E tivemos uma formação dada por ele mesmo. Realmente nosso método de fazer teologia a partir da enxada tem como raiz teórica o Paulo Freire, a metodologia dele.

PC – Quais os resultados positivos disso tudo?

Nonato – Isso nos orientou para ter um método de diálogo com a população. Valorizar o vivido, para, a partir da vivência das pessoas, elaborar uma ação educativa.

PC – Nonato, eu sei que você é um dos chamados filhos de Comblin. O que era isso?

Nonato – Ele ficou muito próximo a nós. A cada três semanas ele saía de Recife, vinha de ônibus até Tacaimbó e Salgado de São Félix, fazia a avaliação e apresentava os novos temas para o estudo. Criou-se uma ligação afetiva com ele. Apesar de ele ser bastante objetivo naquilo que queria, criou-se um laço bastante próximo. Com a expulsão dele do Brasil, nós íamos quase que uma vez por ano à Argentina, ao Chile. Como ele não podia entrar no Brasil, íamos aonde ele estava. Ele dava prioridade a nossas equipes de estudo.

PC – Você se recorda das pessoas que estavam mais envolvidas?

Nonato – João Batista, Padre João Moura, que hoje mora em Teresina, Frei Enoque Salvador de Melo, que foi prefeito em Poço Redondo, lá em Sergipe...

PC – O que lhe chamava a atenção em Comblin?

■ **Nonato** – A clareza e a intuição, a densidade de pensamento e da expressão teológica. O primeiro livro que li dele foi “A ressurreição”. Foi um livro que me marcou muito, me impressionou pelos argumentos, pela densidade do seu pensamento. Depois vieram outros livros: “A teologia da cidade”, “O provisório e o definitivo”, vários livros e artigos.

PC – Você imagina como seria sua vida se os caminhos de vocês não se tivessem cruzado?

■ **Nonato** – É difícil adivinhar. No seminário também tínhamos outras referências. Como era no tempo do Concílio Vaticano II, tínhamos peritos do Concílio, por exemplo, o Padre Zeferino Rocha, o Padre Zildo Rocha, que eram nossos professores e coordenadores do seminário. Se não fosse Comblin, é claro

que não com a sua densidade, nós teríamos bom referencial. Provavelmente eu teria sido ordenado padre.

PC – Que imagem você guarda de Comblin?

■ **Nonato** – A imagem de um homem de fé. Com todo aquele realismo, que muitos chamavam de pessimista, ele mantinha viva a sua fé em Jesus Cristo. Isso marcou a cada um de nós.

PC – Certamente vocês tiveram muitos momentos de encontro, diálogo. Algum momento que foi simbólico na relação de vocês?

A enxada é um símbolo da cultura camponesa... A gente se engajou num estudo de teologia que tinha como interlocutor o camponês, os agricultores. Por isso, teologia da enxada. Era a partir do diálogo com o homem do campo que a gente montava a teologia, iluminada pela Sagrada Escritura.

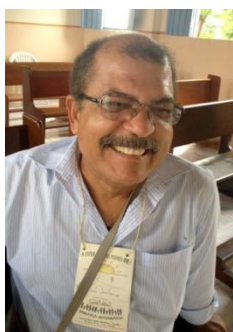
■ **Nonato** – Um momento emotivo. Estávamos com os companheiros de estudo na Argentina. Na despedida,

ele disse:

– Até, quem sabe, um dia! – Era como que o risco de eu não vê-lo mais. Isso me marcou. ■

Paulo Santana

■ **Paulo Santana** – Paulo Roberto Santana, 57 anos, casado, pai de três filhos, um neto. Fui seminarista do Sagrado Coração de Jesus, no seminário menor de Paudalho, em 1967, 1968. Depois me formei



em medicina. Sou professor da Universidade Federal de Pernambuco. Trabalho em epidemiologia e saúde pública, na Universidade Federal de Pernambuco. Fui prefeito por oito anos, em Camaragibe, pelo PT. Foi a primeira prefeitura em Pernambuco, do PT. De 1997 a 2004. Fui presidente do PT de Pernambuco, de 2000 a 2004. E fui

Secretário de Saúde de Camaragibe por duas vezes. Minha experiência de vida, de base, é com a Igreja, em Casa Amarela. Logo depois de formado, participei do movimento popular de saúde por oito anos, trabalhando com fitoterapia, movimento popular, com dez comunidades de Casa Amarela, com Padre Reginaldo. Minha maior universidade foi Casa Amarela, na década de 1980. A gente criou os agentes de saúde e foi para o enfrentamento em Brasília, para o reconhecimento dos agentes de saúde. Depois fui um dos implantadores do Programa de Saúde da Família na institucionalidade. O primeiro Programa de Saúde da Família em Pernambuco foi em Camaragibe. E a gente foi reviver Casa Amarela em Camaragibe: a luta dos morros, da saúde, da participação popular. Que é a escola que me dá ferramentas para trabalhar no meio popular.

PC **Paulo César** – Como você conheceu Comblin?


■ **PS** – Na residência médica eu conheci [...] minha professora de Serviço Social. Ela me puxou para trabalhar a parte de fitoterapia, que é a minha vocação no meio popular. Conheci também Celina. As duas eram professoras de Serviço Social. Com Celina, comecei a trabalhar, principalmente com os evangélicos, com o pessoal da Visão Mundial. Trabalhavam com creches, crescimento e desenvolvimento de crianças. E ali a gente trabalhava junto, com os evangélicos.

Celina tem uma relação histórica com Comblin. Num carnaval, na década de 1990, Celina foi participar de um encontro

latino-americano e eu vim passar uns dias em Mogeiro, a convite dela, para conduzir, em lugar dela, o grupo de missionários. Fui o facilitador dos missionários. E ali conheci Comblin. Durante os quatro dias, na formação de missionários, nos intervalos, comecei a conversar com ele. Chamava-me a atenção o modo como ele cuidava das plantas. Lá no sertão, com uma panelazinha de água, as plantas eram pequeninas ainda, fazia pouco tempo que o Centro havia sido inaugurado... Como ele cuidava! Ali havia missionários do meio popular, da agricultura... Ele me passou a simplicidade da convivência com a seca e o semiárido. E conversamos sobre como eu agia com as ferramentas da bíblia na atuação da vida diária. Eu fazia muito isso, cuidando da saúde, no meio popular, em Casa Amarela. Eu tive a tarefa de ler a bíblia duas vezes, então ia traduzindo aquilo na ação pastoral de base. Ele me deu algumas ferramentas para esse trabalho, cada vez mais voltado para a pedagogia da enxada. Como ser médico, ser pessoa, ser operário, ser lavrador, ou ser o que for, com a missão de trabalhar com a pedagogia da enxada. Foi esse o meu primeiro contato.


Depois voltei para lá, já nesses encontros de retiro espiritual. Éramos em torno de quarenta e cinco pessoas, um grupo muito rico, com a experiência de católicos e evangélicos. Foi uma das experiências mais ricas que tive como cristão, uma experiência compartilhada dos dois grupos, numa unidade em Cristo e na luta por uma Igreja viva, de unidade, sem divisões, em busca do encontro com Cristo. A cada ano, esses encontros

aconteciam ou no carnaval ou no feriado de 15 de outubro. Ali, em tom de simplicidade, humildade, as lições de diálogo permanente com o outro, de escutar, de aprender pelo ouvir, de aprender pela coisa simples. Na simplicidade das coisas ele apontava a pedagogia, o aprender, o ensinar, o compreender a vida. O que mais me marcava nele era ver o detalhe do simples e a partir daí conseguir ver a amplitude da grandeza de Cristo e de Deus na terra, e do evangelho.

 **PC** – Que contribuição ele trouxe para sua vida pessoal e para a vida da Igreja?

■ **PS** – Depois de conhecer Comblin assumi alguns desafios muito difíceis: secretário de saúde, prefeito, presidente do partido. A contribuição que ele me deu foi ouvir muito, compartilhar uma sociedade em que todos pensam, pois é do pensar desse coletivo que a gente consegue construir uma ideia como ação; não existem ideias prontas na cabeça de ninguém. Eu vinha de uma escola onde havia convivido um bocado com Dom Hélder, e o Comblin reforçava isso, vinha na mesma linha. A contribuição pessoal de Comblin: a participação coletiva para a democracia mesmo, não a democracia representativa, mas a democracia do outro, nada de delegar, mas a democracia de ouvir o outro, aquela pedagogia de puxar o outro e construir a ideia, e com o outro fazer. Foi a maior lição para mim.

Para a Igreja, a contribuição de Comblin e de todos os padres e pastores que seguem nessa linha é a lição da proximidade com Cristo.

 **PC** – Você é engajado politicamente. Como você vê Comblin nesse sentido?

■ **PS** – Quando eu estava na política, com mandato, ele sempre me alertava sobre os desafios. Nunca condenou. Pelo contrário, sempre foi um estimulador. Dizia:

– Sua tarefa está pesada, você tem de fazer uma leitura mais próxima do povo. A política tem um descaminho, que é muito largo, mas você deve ir pelo caminho estreito.

– Sempre me alertava para não me afastar procurando o caminho mais fácil.

Quando eu não aguentei mais, achando que já havia dado minha contribuição, e que não era o caminho pelo qual eu queria continuar, porque não era o caminho que estava compondo o mundo com a ética, com o olhar pela vida, e que por isso eu preferia retornar como professor da universidade, então ele disse:

– A sua missão, a sua tarefa agora é maior do que na política. Você como professor na universidade tem uma grande missão diante dos estudantes da universidade: os jovens precisam muito de ser evangelizados. É dentro da própria universidade que se tem essa oportunidade. Você está tendo. Segure-a. É mais importante do que a que você teve como prefeito e presidente de partido, até porque você vai estar mais livre das amarras e vai poder se dedicar melhor.

Foi uma conversa muito longa e fraterna naquele carnaval, meu último encontro com ele, em Mogeiro. Ele me recomendou:

– Segure a missão da juventude. É sua missão.

PC – Você falou que seu primeiro encontro com Comblin foi em Mogéiro, no retiro, e que o seu último encontro também foi em Mogéiro. Foi uma experiência especial?

PS – O primeiro encontro me pegou de surpresa, porque vim substituir Celina, enquanto professor, coordenador, facilitador do grupo de missionários. Era uma tarefa nova: trabalhar com missionários. Ele ficou sempre quieto, me observando, me olhando. Nos intervalos ele puxava:

– Olhe, você colocou isso do Antigo Testamento, do Novo Testamento – e me dava alguma dica de diálogo, de como atualizar isso, de como trazer para o momento atual.

Já no meu último encontro, quando cheguei em Mogéiro, há dois anos, com o grupo de Paudalho e Camaragibe, me surpreendi com Padre [Dom] Luís Cappio, lá, e comentei com Celina, com Verônica. Padre Comblin nunca havia feito isso, trazer um outro facilitador. E todo o roteiro, toda a pauta, tudo vai ser conduzido por Padre [Dom] Luís Cappio. Pensei alto: acho que Padre Comblin está pensando que vai morrer... Mas aí, resolvi perguntar a ele:

– Padre Comblin, o que houve? Padre [Dom] Luís Cappio resolveu vir aqui... O senhor está doente? O que houve?

– Não, meu filho, a gente não sabe o dia de amanhã. Eu já estou com uma idade avançada e é preciso a gente ir conduzindo as coisas.

– Mas não, o senhor está com muita saúde – eu tinha levado de presente

uma garrafa de vinho. – O senhor está com muita saúde, ainda vai ter muito tempo...

Ele disse:

– Não, não pense assim, não.

– O senhor está fazendo alguma coisa nova para a gente, escrevendo?

Disse ele:

– É a primeira vez que a Igreja me pede um livro, me convida a escrever um livro. Estou escrevendo sobre o Espírito Santo. Não sei se vou concluir.

– Falta muito?

– Não. Talvez para novembro, dezembro eu termine o livro.

Faltava menos de um mês para ele morrer. Parecia muito saudável. Estava profetizando. Pequenas e simples palavras dizendo que estava chegando ao fim, que [Dom] Padre Luís Cappio poderia ser o condutor. Nos três dias Padre [Dom] Luís Cappio nos conduziu. Comblin ia num encontro ou outro, mas já se retirando. Já não conduzia mais o grupo. Não por falta de forças. Pelo contrário. Em alguns momentos em que era solicitado, na missa, por exemplo, reflexão tranquila, perfeita, uma memória perfeita. Sem problema. Nada, nada. Mas ia se retirando. No último dia tivemos a confissão, pela entrada na Quaresma, e eu escolhi o Padre [Dom] Cappio para me confessar:

– Padre Cappio, não vou me confessar, porque não me confesso há mais de quarenta anos, mas quero fazer uma conversa.

Perguntei-lhe sobre a saúde de Comblin, já que estava morando com ele lá na Bahia.

– Ele está bem. Escolheu morar lá comigo, estou muito feliz com essa escolha dele. Lá está ajudando a todo o mundo.

Comentei:

– Me parece que ele está passando para o senhor a condução do grupo. O senhor vai conduzir o grupo?

– Olhe, não sei o que vai acontecer. O Comblin está cansado, e está externando isso. Ele me convidou realmente para ser o facilitador desse retiro.

Falei da conversa com o Comblin, expliquei o que ele tinha falado, e conversamos sobre muitas coisas mais, sobre a Igreja... E retomei:

– Estou muito preocupado com essa passagem dele, assim.

– Mas não tem de se preocupar. Ele está bem, cuidando das coisas dele, sem nenhuma novidade.

Fiquei mais tranquilo. Três semanas depois, mais ou menos isso, tenho a notícia.

Padre Comblin profetizou! Anunciou toda a passagem dele, como sempre, de forma simples, tranquila,

suave, sem estardalhaço. E já tinha convencido o Padre [Dom] Luís e Mônica de ir sozinho para o Jesus crucificado lá na Bahia: “Estou bem e vou só!” Sem estardalhaço. Apesar de ele morar com o bispo, de ter conduzido

o bispo até Mogeiro para conduzir o grupo, que historicamente ele conduzia, já dando sinais de sua passagem. Marcou muito. A vida dele foi sempre simples. Até nesse momento foi simples e tranquila. Todo o mundo ficou um pouco órfão, é claro, mas foi sem estardalhaço. Ele não foi embora, ele ficou mesmo com a gente. ■

A contribuição pessoal de Comblin: a participação coletiva para a democracia mesmo, não a democracia representativa, mas a democracia do outro, nada de delegar, mas a democracia de ouvir o outro, aquela pedagogia de puxar o outro e construir a ideia, e com o outro fazer. Foi a maior lição para mim.